

Panium - Número Dezoito

Três vezes 250

Jeff Pippenger

2026-02-25

Agora abordaremos algumas das implicações do versículo doze de Daniel onze e, em seguida, introduziremos as três linhas de “250” anos na história dos versículos onze a quinze, que se cumpriu na batalha de Panium em 200 a.C. A linha de “250” anos que começou em 457 a.C. termina em 207 a.C., no meio do período que começa com a batalha de Raphia e termina com a batalha de Panium. Os “250” anos na linha de Nero terminam com a história em três etapas de Constantino, representada pelos anos 313, 321 e 330. Os “250” anos dos Estados Unidos terminam em 4 de julho de 2026.

A linha de Nero representa a história do tempo de prova da imagem da besta, primeiro nos Estados Unidos e depois no mundo. A linha de 457 a.C. coloca Trump em um ponto médio militar entre duas batalhas. O período que se estende desde 1776 também assinala um ponto médio para a presidência final de Trump. Para situar essas linhas no seu devido lugar, abordaremos primeiro o versículo doze e a queda da Rússia e de Putin. Em seguida, as três linhas de “250” anos, e depois a linha da Dinastia Hasmoneia. Com essas linhas estabelecidas, colocaremos Pedro em alinhamento com Panium. Quando essas linhas estiverem estabelecidas, deveremos ser capazes de reconhecer como a mensagem de 18 de julho de 2020 deve ser corrigida e proclamada, e que ela é a mensagem do livro de Joel.

Rei Uzias de Judá e Ptolomeu, rei do Egito

A história que cumpriu o versículo onze na batalha de Ráfia está em consonância com a história do rei Uzias. Quando Isaías foi purificado e revestido de poder para proclamar a mensagem da chuva serôdia, seu chamado ocorreu no ano em que Uzias morreu.

No ano em que morreu o rei Uzias, vi também o Senhor, assentado sobre um alto e sublime trono; e as orlas do seu manto enchiam o templo. Isaías 6:1.

A morte de Uzias foi precedida pela rebelião por ele manifestada, a qual correu paralela e se alinhou com a rebelião de Ptolemeu logo após a vitória na batalha de Ráfia. Uzias e Ptolemeu são símbolos de um rei do sul cujo coração se exaltou, que se rebelam ao buscar combinar sua autoridade estatal com a autoridade eclesiástica. Quando Uzias tentou combinar Igreja e Estado, a lepra em sua frente tipificou a marca da besta.

E o terceiro anjo os seguiu, dizendo em alta voz: Se alguém adorar a besta e a sua imagem, e receber a marca da besta na testa ou na mão, esse também beberá do vinho da ira de Deus, que é derramado sem mistura no cálice da sua indignação; e será atormentado com fogo e enxofre na presença dos santos anjos e na presença do Cordeiro. E a fumaça do tormento deles sobe para todo o sempre; e não têm descanso, nem de dia nem de noite, os que adoram a besta e a

sua imagem, e todo aquele que recebe a marca do seu nome. Apocalipse 14:9-11.

Uzias então representa uma morte progressiva a partir do momento de sua tentativa rebelde de unir Igreja e Estado. Em seguida, ele representa uma corregência enfraquecida com seu filho por onze anos. Uzias viveu onze anos após sua rebelião. O início de sua rebelião simboliza a lei dominical, na qual Igreja e Estado são unidos e a marca da besta é imposta. Onze anos depois, ele morreu, representando o fim de seu reinado como rei do reino meridional de Judá, que era a terra gloriosa, que são os Estados Unidos.

Em relação profética a Ptolemeu, Uzias representa Judá, a terra gloriosa e o protestantismo apóstata, ao passo que Ptolemeu representa o Egito, que é o poder do dragão, cuja religião é o espiritismo. Quando os dois reis são considerados como linhas paralelas, Uzias deixa de ser uma ilustração da terra gloriosa e, juntos, passam a constituir um símbolo de duas nações. O Egito e Judá são símbolos das religiões do espiritismo e do protestantismo apóstata. São um símbolo do Estado e da Igreja. A política de Estado e a política eclesiástica que eles representam, quando alinhadas como um único símbolo, compreendem duas nações, como o foram os Medos e os Persas, como o foram o Egito e Sodoma da França, como o são os chifres republicano e protestante dos Estados Unidos, como o foram os reinos do norte e do sul de Israel e Judá, bem como a Roma pagã e a Roma papal. Como símbolo de dois reinos, são profeticamente vinculados pelo templo em Jerusalém, onde tanto Uzias quanto Ptolemeu intentaram oferecer sacrifícios. Duas nações que ambas se rebelam no mesmo santuário.

É importante notar que a rebelião de ambos os reis foi em relação ao templo em Jerusalém, o qual é um símbolo do templo onde Daniel viu Cristo no capítulo dez. As histórias de ambos os reis convergem na Guerra da Ucrânia e, ao fazê-lo, iniciam o seu testemunho em 2014. Ambos foram exaltados por vitórias militares, representadas pela batalha de Raphia no versículo onze. Raphia marca a fronteira do sexto reino da profecia bíblica e da tríplice união da lei dominical. É também a fronteira da transição da igreja militante para a igreja triunfante.

Após 2014, o rei mais rico anunciou a sua intenção de candidatar-se à presidência em 2015. Em 2020, o rei mais rico, representando o chifre republicano, recebeu a sua ferida mortal, que mais tarde seria curada. Em 2022, a Guerra na Ucrânia intensificou-se. Trump então retornou, em cumprimento do versículo treze, na eleição de 2024. Em julho de 2023, soou uma voz no deserto. Em 31 de dezembro de 2023, o chifre protestante foi ressuscitado, assim como o chifre republicano na eleição de 2024, quando Trump retornou, e então, em 2025, a prova do fundamento findou-se com a chegada da prova do templo.

1989

As verdades que foram deslacradas em 1989 tinham dois aspectos. Os paralelos proféticos dos movimentos de reforma e os últimos seis versículos de Daniel onze foram deslacrados ao mesmo tempo. Há certas regras proféticas que foram empregadas para estabelecer a mensagem inicial do versículo quarenta. Algumas dessas mesmas verdades são agora a chave para a história oculta do próprio versículo em que aquelas joias proféticas foram descobertas. Darei um exemplo.

Em 1989, não havia, no Adventismo, um entendimento unificado acerca do que representavam os últimos seis versículos de Daniel. Essa falta de unificação tinha dois aspectos. Não havia consenso quanto ao significado dos versículos. Os que professavam possuir entendimento dos versículos apresentavam ideias humanas misturadas à teologia do protestantismo apóstata e do catolicismo, a herança de primogenitura que receberam de seus antepassados da rebelião de 1863, quando estes desempenharam o papel do profeta desobediente na rebelião fundacional de Jeroboão. Essas ideias individuais acerca dos versículos eram, na melhor das hipóteses, interpretações particulares. Suas concepções sobre os versículos eram contraditórias à aplicação profética básica e, muitas vezes, contrárias à própria premissa que eles mesmos identificavam nos versículos.

O que vimos nos versículos foi uma compreensão coerente de todos os seis versículos. Foi a consistência da mensagem que vimos que me encorajou a expor a minha compreensão, mesmo quando eu sabia que todo o Adventismo rejeitava o que eu entendia. O que compreendemos desses versículos foi publicado pela primeira vez em 1996, e a compreensão ali exposta só se fortaleceu à medida que o tempo avançou ao longo de trinta anos!

Se você considerar a primeira referência na revista *The Time of the End*, encontra Testemunhos, volume 9, página 11. Cinco anos antes de 11 de setembro, a revista começa com 11 de setembro. Uma dessas compreensões que me encorajaram foi compreender que, no "tempo do fim", no versículo quarenta, os reis do norte e do sul eram poderes espirituais, e não poderes literais. Naquela época, eu já sabia que a irmã White dissera que os livros de Daniel e Apocalipse são o mesmo livro, e que a mesma linha de profecia que está em Daniel é retomada por João no Apocalipse. Eu havia constatado que, em Apocalipse onze, que se cumpriu na história em torno do tempo do fim em 1798, o comentário da irmã White sobre o capítulo ensina claramente que a França era o Egito espiritual, e ela foi igualmente clara ao afirmar que, em Apocalipse dezessete, a meretriz sobre a besta era a Babilônia espiritual.

A identificação que a Irmã White faz desses dois poderes encontra-se em *O Grande Conflito*, e tais comentários harmonizam o testemunho de João e de Daniel. A definição do rei do sul, no capítulo onze de Daniel, é: o poder que controla o Egito; e o rei do norte é o poder que controla a Babilônia. O fato de a Bíblia e o Espírito de Profecia atuarem em conjunto para estabelecer uma verdade, reunindo Daniel e Apocalipse para comprovar o ponto, é algo de que jamais abriria mão ante qualquer teólogo equivocado, ou ante algum líder autoproclamado e igualmente equivocado de um ministério de sustento próprio.

Compreender Ptolomeu e Uzias como símbolos da batalha de Ráfia e das consequências que ocorrem depois de os seus corações se exaltarem é ser regido pelo facto de que Ptolomeu representa o poder do dragão que derrota o poder por procuração de Roma, apenas para, depois, ser derrotado pelo poder por procuração que havia derrotado Ptolomeu no versículo dez e em 1989. As distinções históricas são intencionais e importantes.

Uzias recebe a marca da besta quando tenta unir Igreja e Estado; Uzias é a terra gloriosa; e a terra gloriosa foi um argumento central no início da mensagem em 1989. A terra gloriosa é os Estados Unidos, ou é a Igreja Adventista do Sétimo Dia? Os que então sustentavam a ideia errônea de que a

terra gloriosa é a Igreja Adventista do Sétimo Dia, juntamente com quaisquer que ainda a sustentem, argumentariam que o monte santo glorioso do versículo quarenta e cinco era claramente a igreja de Deus, de modo que, para eles, um monte e uma terra eram o mesmo símbolo. Raciocínio humano típico, suponho.

Uzias é a terra gloriosa, e Ptolomeu é o Egito. Uzias, como a terra gloriosa, tem os dois chifres do Protestantismo e do Republicanismo. A manifestação política de Ptolomeu é o comunismo e suas variadas formas, e a manifestação religiosa de Ptolomeu é o espiritismo e suas variadas formas. Uma característica do poder do dragão é que ele é uma confederação, mas o falso profeta, que é a terra gloriosa, é uma única nação com dois chifres.

Daniel 11:40 estabeleceu que os Estados Unidos eram a potência delegada do papado quando a União Soviética foi varrida em 1989. Esta verdade harmoniza-se com o papel da besta da terra de dois chifres de Apocalipse 13, pois os dois livros são um só.

E vi outra besta subindo da terra; tinha dois chifres como os de um cordeiro, e falava como um dragão. Exercia toda a autoridade da primeira besta na presença dela e fazia com que a terra e os que nela habitam adorassem a primeira besta, cuja ferida mortal foi curada. Apocalipse 13:11, 12.

Apocalipse 13 identifica os Estados Unidos como o poder representante do Papado, pois a besta da terra "exerce todo o poder da" besta que subiu do mar e que veio "antes dele". No versículo dois, o dragão da Roma pagã havia dado ao Papado o seu poder, o seu trono e grande autoridade. A palavra traduzida como "poder" significa poder; porém, no versículo doze, trata-se de outra palavra que é traduzida como "poder", significando "autoridade delegada".

Os Estados Unidos são a potência mandatária do papado, que foi tipificado por Roma pagã, a qual deu seu apoio militar e econômico ao papado, conforme estabelecido no versículo dois. Ao assim proceder, Roma pagã tipificou os Estados Unidos, que também dariam seus "carros, navios e cavaleiros" para executar o trabalho sujo do poder papal.

Quando as três batalhas dos versículos dez, onze e quinze se cumpriram na história, Antíoco Magno esteve presente em cada uma delas. Este fato identifica que o poder representado nas três batalhas é um poder por procuração da besta, pois é sempre Antíoco, e Antíoco, em 1989, era o poder por procuração dos Estados Unidos.

As três batalhas que conduzem à lei dominical do versículo dezesseis trazem a assinatura do Alfa e do Ômega, e também a estrutura da verdade. São os Estados Unidos que figuram na primeira e na terceira batalha, identificando um alfa e um ômega na primeira e na última batalha. As três batalhas que conduzem à lei dominical do versículo dezesseis também trazem a assinatura da verdade. A potência por procuração da Ucrânia nazista é a batalha do meio, que representa a rebelião do marco intermediário no arcabouço da palavra hebraica verdade. As três batalhas representam de 1989 até a lei dominical, o que significa que representam a "história oculta" do versículo quarenta.

O versículo 11 de Apocalipse 11 identifica 2023 como o ponto em que ambos os chifres são ressuscitados. Daniel 11, versículo 11, identifica exatamente o mesmo período da história. A linha

interna da profecia e a linha externa da profecia alinham-se em 2023. A linha interna é a “coisa” que Daniel entendeu, e a linha externa é a “visão” que ele entendeu.

O teste do templo que Daniel ilustra começou no vigésimo segundo dia; e o transcurso de vinte e dois anos após 11 de setembro — ponto em que Isaías entrou no templo — conduz a 2023. Isaías identifica a morte de Uzias, após ter vivido com lepra por onze anos, em 11 de setembro. A obra de edificação do templo consiste, primeiro, em lançar o fundamento e, em seguida, erguer o templo e colocar a pedra de coroamento, o que então conduz ao terceiro teste decisivo, representado pela festa das trombetas na linha de Levítico vinte e três. A obra interna do evangelho eterno é cumprida durante a história da linha externa. No versículo onze, Putin foi tipificado por Ptolemeu, e o rei Uzias fornece uma segunda testemunha para a ilustração do rei do sul, que é exaltado por meio de êxito militar e, em seguida, procura inserir-se no domínio da religião.

E o rei do sul se enfurecerá e sairá para combater contra ele, contra o rei do norte; e este levantará uma grande multidão, mas a multidão será entregue nas mãos do rei do sul. E, depois de ter levado a multidão, o seu coração se exaltará; e derrubará muitas dezenas de milhares, mas não se fortalecerá com isso. Daniel 11:11, 12.

Uriah Smith aborda a história de Ptolemeu Filopátor e sua tentativa de oferecer sacrifícios no templo de Jerusalém.

A Ptolemeu faltou a prudência para fazer bom uso da vitória. Se tivesse prosseguido no seu êxito, provavelmente se teria tornado senhor de todo o reino de Antíoco; mas, contente em lançar apenas algumas intimidações e algumas ameaças, concluiu a paz para poder entregar-se ao gozo ininterrupto e desenfreado de suas paixões bestiais. Assim, tendo vencido os seus inimigos, foi vencido por seus vícios e, esquecido do grande nome que poderia ter estabelecido, passou o tempo em banquetes e devassidão.

Ensoberbeceu-se o seu coração com o sucesso, mas estava longe de ser por isso fortalecido; pois o uso inglório que dele fez levou os próprios súditos a rebelarem-se contra ele. Mas a exaltação de seu coração manifestou-se de modo mais especial em seus tratos com os judeus. Chegando a Jerusalém, ali ofereceu sacrifícios e mostrou-se vivamente desejoso de entrar no Santo dos Santos do templo, em contravenção à lei e à religião daquele lugar; mas, embora com grande dificuldade, foi contido, e partiu dali abrasado de ira contra toda a nação dos judeus, e imediatamente iniciou contra eles uma perseguição terrível e implacável. Em Alexandria, onde os judeus residiam desde os dias de Alexandre e gozavam dos privilégios dos cidadãos mais favorecidos, quarenta mil, segundo Eusébio, sessenta mil, segundo Jerônimo, foram mortos nessa perseguição. A rebelião dos egípcios e o massacre dos judeus certamente não eram de molde a fortalecê-lo em seu reino, mas antes foram suficientes para arruiná-lo quase totalmente. Uriah Smith, Daniel e o Apocalipse, 254.

A vitória militar de Ptolemeu Filopátor em Ráfia, em 217 a.C., não fortaleceu Ptolemeu, mas fez com que “o seu coração se exaltasse”. A vitória na Guerra da Ucrânia não fortalecerá Putin, mas “exaltará o seu coração”, assim como o êxito militar levou o rei Uzias a exaltar o seu coração.

E Uzias preparou, para todo o exército, escudos, lanças, capacetes, cotas de malha, arcos e fundas para atirar pedras. E fez em Jerusalém máquinas, inventadas por homens peritos, para estarem nas torres e sobre os baluartes, para atirar flechas e grandes pedras. E o seu nome se espalhou ao longe; pois foi maravilhosamente ajudado, até que se tornou forte. Mas, quando se tornou forte, o seu coração se exaltou até à sua ruína; porque transgrediu contra o Senhor, seu Deus, e entrou no templo do Senhor para queimar incenso sobre o altar do incenso. 2 Crônicas 26:14-16.

Dois reis do sul, cujos corações se ensoberbeceram por vitórias militares, tentaram entrar no mesmo templo e apresentar uma oferta, o que somente a um sacerdote era lícito fazer. Em ambos os casos, os sacerdotes resistiram às tentativas dos reis soberbos de assim proceder. Um rei então empreendeu uma retaliação contra os judeus, e o outro foi ferido de lepra na fronte.

E Azarias, o sacerdote, entrou após ele, e com ele oitenta sacerdotes do Senhor, homens valentes. E resistiram ao rei Uzias e lhe disseram: Não te compete, Uzias, queimar incenso ao Senhor, mas aos sacerdotes, filhos de Arão, consagrados para queimar incenso; sai do santuário, porque transgrediste; e isso não te será para honra da parte do Senhor Deus. Então Uzias se indignou; e, tendo na mão um incensário para queimar incenso, enquanto se indignava contra os sacerdotes, a lepra lhe brotou na testa, perante os sacerdotes, na casa do Senhor, junto ao altar do incenso. Então Azarias, o sumo sacerdote, e todos os sacerdotes olharam para ele, e eis que estava leproso na testa; e o expulsaram dali; sim, ele mesmo se apressou a sair, porque o Senhor o ferira. E o rei Uzias ficou leproso até o dia de sua morte, e habitou numa casa separada, sendo leproso; porque foi excluído da casa do Senhor; e Jotão, seu filho, estava à frente da casa do rei, julgando o povo da terra. Quanto ao mais dos atos de Uzias, tanto os primeiros como os últimos, o profeta Isaías, filho de Amoz, os escreveu. 2 Crônicas 26:17-22.

Em 2014, os globalistas da Europa e o regime de Obama iniciaram uma revolução colorida contra a nação da Ucrânia. Em 2022, a Rússia iniciou uma invasão que, em última análise, conduzirá a uma vitória de Putin e da Rússia, representados por Ptolemeu e Uzias, os reis do sul. O versículo doze afirma que, após a vitória de Putin, "elevar-se-á o seu coração; e derribará a dezenas de milhares; mas por isso não será fortalecido." A história então registra um declínio progressivo do seu reino.

O declínio progressivo levou à sua morte e, quando Antíoco, o Grande, procura vingar a derrota sofrida em Ráfia, já não estava em confronto com Ptolemeu Filopátor; Antíoco então enfrentava uma criança que era o governante do Egito. Uma criança é um símbolo da última geração, de modo que, em um nível, o rei-criança que Antíoco derrota em Panium é a geração final do reino do sul. No plano prático, o rei-criança representa fraqueza em relação à força de Antíoco.

A paz concluída entre Ptolemeu Filopátor e Antíoco durou catorze anos. Entretanto, Ptolemeu morreu devido à intemperança e à devassidão, e foi sucedido por seu filho, Ptolemeu Epifânio, então uma criança de quatro ou cinco anos de idade. Antíoco, ao mesmo tempo, tendo sufocado a rebelião em seu reino e reduzido e fixado as partes orientais à obediência, estava livre para qualquer empreendimento quando o jovem Epifânio subiu ao trono do Egito; e, considerando boa demais a oportunidade de ampliar seu domínio para deixá-la escapar, levantou um exército imenso "maior do que o anterior" (pois reunira muitas forças e adquirira

grandes riquezas em sua expedição oriental), e partiu contra o Egito, esperando obter uma vitória fácil sobre o rei infante. Como ele se saiu, veremos logo; pois aqui novas complicações entram nos assuntos destes reinos, e novos atores são introduzidos no palco da história. Uriah Smith, Daniel e o Apocalipse, 255.

O rei do Sul

Delinear os passos finais da Rússia é delinear os passos finais do rei do sul profético. Uma característica profética do rei do sul espiritual, que surgiu na história profética no tempo do fim, em 1798, é a forma como ele chega ao seu fim. Isso também é uma característica profética do rei do norte e do falso profeta. Cada um dos três poderes que conduzem o mundo a Armagedom tem desfechos especificamente identificados na Palavra de Deus. Tudo o que acontecer com Putin e com a Rússia terá sido tipificado por linhas anteriores do rei do sul.

Os exemplos da derrocada do rei espiritual do sul foram tipificados pela derrocada do primeiro rei espiritual do sul, que foi a França atea durante o período da Revolução. A derrocada do reino do sul inclui a derrocada do rei do sul. A derrocada de Napoleão corresponde à derrocada da França e alinha-se com a derrocada do próximo reino do sul, que foi a Rússia. A Rússia, como o rei moderno do sul, teve início por meio de uma revolução, assim como a França, como o rei do sul, teve início por meio de uma revolução.

A revolução é uma característica do dragão, que é o símbolo dos reis do sul. O dragão, o símbolo principal do rei do sul, é Satanás e, ao tentar uma revolução no fim do milênio, fogo desce do céu e o devora. Sua rebelião no céu, no princípio, foi o alfa de sua rebelião na conclusão do milênio.

Em 1798, a França assumiu profeticamente o trono como o rei espiritual do sul durante a Revolução Francesa. Essa revolução varreu as nações da Europa e, por fim, desembocou na Revolução Russa, que foi rapidamente seguida pela Revolução Bolchevique no mesmo ano.

A Revolução Russa de 1917 consistiu em duas etapas principais: a Revolução de Fevereiro (que derrubou a monarquia czarista, pôs fim à autocracia e instituiu um governo provisório em meio a um período de duplo poder com os Soviéticos) e a Revolução de Outubro (também chamada Revolução Bolchevique, na qual os bolcheviques, sob Lenin, tomaram o poder por meio de um golpe de Estado, levando ao estabelecimento do poder soviético e ao caminho para o socialismo/comunismo).

Nas análises históricas e na teoria revolucionária (particularmente a partir de perspectivas marxistas, como as de Trotsky, Luxemburg e outros que traçam paralelos), a Revolução Francesa (1789-1799) é frequentemente vista como tipificando ou fornecendo um esquema para o curso dos acontecimentos russos. As duas etapas da Revolução Francesa que tipificam essas fases russas são:

- A fase inicial moderada/constitucional (aproximadamente 1789-1792) corresponde à Revolução de Fevereiro. Esta fase francesa começou com a tomada da Bastilha, a convocação dos Estados Gerais/Assembleia Nacional, a abolição dos privilégios feudais, a Declaração dos Direitos do Homem e o estabelecimento de uma monarquia constitucional sob os Girondinos e reformadores moderados. Derrubou a monarquia absoluta, mas reteve

elementos de governança burguesa/liberal e estruturas de poder duais/contestadas (por exemplo, entre a Assembleia e a monarquia remanescente). De modo semelhante, fevereiro de 1917 pôs fim ao czarismo, mas conduziu a um governo provisório burguês e a um poder dual com os Soviéticos.

- A fase radical/jacobina (aproximadamente 1792-1794, incluindo o estabelecimento da Primeira República, a execução de Luís XVI e o Período do Terror sob Robespierre e os jacobinos/Comitê de Salvação Pública) alinha-se com a Revolução de Outubro (Bolchevique). Os jacobinos tomaram o poder dos girondinos mais moderados por meio de ação radical, proclamaram uma república, reprimiram a contrarrevolução e impeliram a revolução rumo a uma transformação social mais profunda e à defesa contra ameaças internas/externas. Isto espelha a forma como os bolcheviques derrubaram o governo provisório, consolidaram o domínio proletário/ditadura do proletariado e avançaram o socialismo revolucionário.

Esses paralelos sublinham como as revoluções frequentemente seguem um padrão: uma insurreição inicial ampla contra o antigo regime (liderada por moderados/forças burguesas), seguida por uma tomada de poder mais extrema por radicais para 'salvar' e aprofundar a revolução em meio à crise. Os próprios bolcheviques inspiraram-se conscientemente no exemplo francês, vendo sua insurreição de outubro como análoga ao golpe jacobino—necessário para impedir a contrarrevolução e realizar o potencial da revolução.

Esta tipologia aparece em obras como *História da Revolução Russa*, de Trótski (que compara explicitamente a fase de duplo poder na Rússia a dinâmicas semelhantes na França), e nos escritos de Rosa Luxemburgo sobre os acontecimentos russos, nos quais ela assinala que o primeiro período da Revolução Russa (março-outubro) segue o esquema das revoluções francesa (e inglesa), sendo a tomada do poder pelos bolcheviques paralela à ascensão jacobina.

Jesus sempre ilustra o fim pelo princípio, e a derrocada de Napoleão, como primeiro rei espiritual do sul, seguiu os marcos do caminho no início da revolução e, ao fazê-lo, representou a derrocada da União Soviética.

A derrocada progressiva (passo a passo) de Napoleão alinha-se estreitamente com o declínio gradual e o colapso, em 1991, da União Soviética, no mesmo quadro tipológico em que as duas fases da Revolução Francesa prefiguraram as etapas de fevereiro e outubro de 1917 da Revolução Russa. O paralelo estende-se à fase de consolidação pós-radical (bonapartismo) e ao seu inevitável desfazimento. Isso decorre tanto de padrões históricos gerais quanto de análises marxistas (especialmente as de Trótski em *A Revolução Traída* e obras afins), que tratam Napoleão como o arquétipo do bonapartismo: um regime de homem forte que surge após o ápice radical de uma revolução, equilibra-se entre as classes, preserva os ganhos estruturais centrais da revolução (enquanto reprime o seu ímpeto democrático), edifica um império pessoal/militar-burocrático, excede os seus limites e, em seguida, sofre um colapso em fases que conduzem a uma restauração parcial da antiga ordem.

A ascensão bonapartista de Napoleão encontra paralelo na consolidação stalinista.

Após a fase jacobina radical e a reação termidoriana (1794), segue-se o instável Diretório (1795-1799); o golpe de 18 de Brumário de Napoleão (1799) estabelece o Consulado e, depois, o Império (1804). Napoleão codifica e exporta as conquistas revolucionárias burguesas (Código Napoleônico, fim dos privilégios feudais, Estado fortemente centralizado), mas as subordina ao poder autoritário, à glória militar e a uma nova elite.

Após a fase radical bolchevique/de Outubro e as primeiras experiências soviéticas, instala-se a degeneração burocrática (especialmente a partir de meados da década de 1920). A consolidação de Stalin derrota a Oposição de Esquerda, impõe o "socialismo em um só país" e cria uma ditadura policial-militar-burocrática. A economia planificada e a propriedade nacionalizada (conquistas centrais de Outubro) são preservadas, mas transformadas em instrumentos de uma casta privilegiada, com o internacionalismo abandonado.

Em ambos os casos, a energia revolucionária é "congelada" e redirecionada para o poder do Estado e sua expansão, sob uma única figura ou aparelho (Trotsky chamou explicitamente o regime de Stalin de uma forma de "bonapartismo soviético", mais próximo do Império de Napoleão do que do Consulado).

O Colapso Passo a Passo

Este é o alinhamento central — o declínio não é um único evento súbito, mas uma série sucessiva de erosões impulsionadas pela sobre-extensão, por contradições internas, por atoleiros militares, pela perda do controle periférico, por reformas fracassadas e por dissolução/restauração finais.

Lado napoleônico (1812 a 1815)

- 1812: Desastrosa invasão da Rússia — Grande Armée (600.000 homens) dizimada pela logística, pelo inverno e pela resistência. Ponto de inflexão catastrófico; perda maciça de prestígio e de efetivos.
- 1813: Constitui-se uma coligação contra ele; derrota em Leipzig ("Batalha das Nações") - perda de aliados e territórios alemães; o império começa a contrair-se.
- 1814: Os Aliados invadem a França metropolitana; Paris cai; Napoleão abdica e é exilado para Elba.
- 1815: Breve retorno (Os Cem Dias), derrota final em Waterloo; exílio permanente em Santa Helena; monarquia Bourbon restaurada (reversão reacionária das conquistas revolucionárias, embora não total — algumas mudanças legais e administrativas perduraram).

Lado soviético (dos anos 1970 a 1991)

- Final dos anos 1970 e anos 1980: estagnação econômica ("zastoi" sob Brejnev), penúrias crônicas, atraso tecnológico e uma corrida armamentista asfíxiante com os EUA/OTAN — sobre-extensão sistêmica — começa a corroer a economia.

- 1979-1989: Guerra do Afeganistão — o “Vietnã” soviético; atoleiro drena recursos, moral e prestígio internacional (note-se o paralelo irônico: Napoleão destruído na Rússia; a URSS sangrada em um teatro de operações acidentado e resistente).
- 1985-1989: as reformas de perestroika/glasnost de Gorbatchov (tentativa de "salvação" do sistema, à semelhança de alguns ajustes napoleônicos tardios) acabam, porém, por expor e acelerar as contradições; os satélites do Bloco de Leste revoltam-se e libertam-se (o Muro de Berlim cai a 9 de novembro de 1989, os regimes colapsam ao longo de 1989-1990) - perda do "império exterior", exatamente como a perda, por Napoleão, dos Estados aliados.
- 1990-1991: Crises nacionalistas internas, as repúblicas declaram soberania; o golpe dos linha-dura de agosto de 1991 fracassa de forma espetacular; Gorbachev renuncia em 25 de dezembro de 1991; a URSS dissolve-se em 15 Estados. Segue-se a restauração capitalista (terapia de choque da era Yeltsin, oligarcas, privatização) — análoga à Restauração dos Bourbons: elementos de classe pré-revolucionários (ou seus equivalentes) retornam, fazendo retroceder integralmente as relações de propriedade revolucionárias, ao mesmo tempo que mantêm algumas formas administrativas.

Em ambos, o "império" (Sistema Continental francês vs. influência do Bloco Oriental soviético/COMECON) se fragmenta de fora para dentro, a decadência interna se acelera, uma crise final expõe a vacuidade, e as antigas forças sociais se reafirmam (monarquia/capitalismo). O bonapartismo revela-se insustentável — uma "pirâmide equilibrada sobre sua ponta", como disse Trotsky — porque se apoia na supressão da base democrática da revolução, ao mesmo tempo que defende (mas distorce) sua base econômica em meio a pressões externas hostis. O colapso soviético não foi "repentino" na perspectiva de longo prazo, mas a culminação de uma decomposição interna progressiva, assim como o império de Napoleão não desapareceu da noite para o dia, mas foi corroído por sucessivas derrotas até a restauração.

O início e o fim da França e da União Soviética alinham-se com o testemunho do rei Uzias e de Ptolemeu. Ptolemeu IV Filopátor alcança uma vitória decisiva na Batalha de Ráfia (217 a.C.) contra o rei do norte (Antíoco III), mas "não se fortalecerá por isso" - ele faz paz em vez de explorar a vantagem, retorna ao luxo e à autoexaltação e, então (conforme o registro preservado em 3 Macabeus 1-2), Ptolemeu visita Jerusalém após seu triunfo. Ensoberbecido, tenta entrar no Santo dos Santos e oferecer sacrifício pessoalmente - um ato de usurpação e afronta contra o Deus verdadeiro. É ferido por intervenção divina (paralisia), humilhado, e passa a perseguir o povo de Deus. Seu reinado, dali em diante, é de declínio progressivo: corrupção moral, revoltas internas e perda de força até sua morte. Isto constitui o reflexo exato do rei Uzias (2 Crônicas 26:16-21), cujo coração se exaltou após o sucesso militar; em seguida, entrou no templo para queimar incenso (usurpando a função dos sacerdotes) e foi ferido com lepra na testa, o que foi um juízo público e visível. Daí em diante, Uzias viveu em isolamento, separado da casa do Senhor, até a morte - uma morte lenta e prolongada, em vez de destruição instantânea.

Ambos são reis do sul cujo orgulho se manifesta numa intrusão no templo em Jerusalém, seguida por um desfecho progressivo e erosivo, em vez de um colapso imediato. Este é o modelo tipológico para cada "rei do sul" subsequente.

1798: A França torna-se o Rei Espiritual do Sul

No "tempo do fim" (1798), a França ateísta (o poder que acabara de manifestar as características espirituais do Egito — negação aberta de Deus, como em Apocalipse 11:8) investe contra o rei do norte (o Papado), ao levar cativo o Papa. Napoleão é a encarnação militar dessa investida. A França ostenta a coroa do sul em 1798, pois exalta o mesmo espírito ateísta que o antigo Egito encarnou.

Mas, assim como Ptolemeu não pôde "extrair o máximo proveito de sua vitória", a fase radical da Revolução Francesa não pôde sustentar nem exportar plenamente suas conquistas. A coroa do sul passa adiante, à medida que a filosofia do ateísmo amadurece e encontra uma nova voz governamental.

Símbolos de liderança progressiva: de Napoleão a Lênin a Stálin

Estes três não são fortuitos; são desfechos progressivos — cada um representando uma etapa adicional na trajetória do rei do sul rumo à sua própria lenta dissolução. Napoleão — o primeiro grande símbolo após 1798. Vitorioso no Egito (o sul literal), ele se excede (a campanha russa de 1812 foi um desastre), iniciando uma série de perdas, passo a passo, das regiões periféricas do seu império (1813–1814), sofre derrota final (Waterloo, 1815) e é exilado duas vezes. Napoleão representa um declínio progressivo, em fases — exatamente à semelhança de Ptolemeu e Uzias.

Lênin apoderou-se da coroa na Revolução de Outubro de 1917. O “ímpeto” bolchevique prossegue a guerra contra a velha ordem (incluindo o poder religioso). Mas a fase radical não consegue estabilizar-se; a própria saúde de Lênin declina precocemente, e o sistema começa a burocratizar-se.

Stálin, o consolidador (bonapartismo soviético), "congela" a revolução em um império militar-burocrático, preserva as conquistas centrais (a economia nacionalizada, o paralelo anti-feudal ao Código Napoleônico), mas dirige o poder para o interior (expurgos) e para o exterior (expansão). Todavia, o coração se ensoberbece no ateísmo; o sistema não pode realmente "tirar pleno proveito de sua vitória". Sobre-extensão (Afeganistão em paralelo à Rússia de Napoleão), estagnação, reformas fracassadas (a perestroika foi a última tentativa desesperada), perda de satélites (1989-90 = perda de "aliados") e dissolução final (1991).

O colapso da União Soviética não foi repentino — foi progressivo, exatamente como o império de Napoleão desgastou-se passo a passo e como os reinados de Ptolemeu e de Uzias definharam após o seu momento de soberba no templo. O rei do sul “espiritual” (ateísmo em forma governamental) recebeu o seu próprio juízo prolongado: esvaziado interiormente, incapaz de sustentar a mentira, varrido pelo contramovimento do rei do norte (o ressurgimento do Papado no vácuo).

A Revolução Francesa (em duas etapas) tipifica a Revolução Russa (Fevereiro e Outubro/Bolchevique). O bonapartismo napoleônico e o declínio progressivo tipificam a consolidação estalinista e o declínio progressivo soviético. Tudo isso é o desdobramento moderno da linha do rei do sul de Daniel 11, desde o fracasso de Ptolemeu em Ráfia e a sua arrogância no templo, passando pelo pecado idêntico de Uzias e o seu fim gradual, até à França em 1798 e ao seu herdeiro ateu (era Lenine-Estaline), que não pôde fortalecer-se com as suas vitórias.

Lênin, o fundador radical ou conquistador do poder (paralelo à ascensão jacobina/bolchevique; a fase de "impulso" pós-1917 assemelha-se à fase inicial do Consulado de Napoleão após o Brumário). Stálin foi o consolidador bonapartista (construtor do império soviético, expurgos, vitória na Segunda Guerra Mundial, ápice da Guerra Fria; coração ensoberbecido no ateísmo, mas incapaz de "fortalecer" plenamente a vitória; a longo prazo, inicia-se a sobreextensão).

Khrushchev foi o líder do “degelo” pós-apogeu (1953-1964): denuncia Stalin (Discurso Secreto, 1956), expõe alguma corrupção, tenta reformas limitadas, mas falha em resolver as contradições sistêmicas. Isso corresponde a uma fase “termidoriana” ou de declínio inicial — afrouxando o terror enquanto a estrutura ateia central permanece, ainda que o prestígio se desgaste (por exemplo, a humilhação da Crise dos Mísseis de Cuba, em 1962, espelha reverses napoleônicos menores antes dos grandes).

Gorbachev foi o reformador desesperado (1985-1991), tendo a perestroika (reestruturação) e a glasnost (abertura) como esforços derradeiros para "salvar" o sistema, os quais, porém, aceleraram o colapso — perda do Bloco de Leste (1989, Muro de Berlim) e revoltas internas. Este é o mais claro marcador de "fim progressivo": semelhante às tentativas tardias de ajuste de Napoleão antes da invasão de 1814, ou ao declínio prolongado de Ptolemeu/Uzias após o orgulho no templo. A concordata/encontro de 1989 de Gorbachev com o Papa João Paulo II (rei do norte) simboliza a derrota espiritual — o ateísmo do rei do sul cedendo ao ressurgimento papal.

Yeltsin foi a figura da dissolução final (1991 em diante) que liderou a resistência ao golpe de agosto de 1991, tornou-se presidente da Rússia, supervisionou a dissolução da URSS (dezembro de 1991), a privatização por terapia de choque e a restauração capitalista. Ele encarna o fim caótico e a “restauração” parcial de elementos pré-revolucionários (capitalismo oligárquico, à semelhança do retorno dos Bourbon após Napoleão). O palácio do rei do Sul é varrido, cumprindo a conquista em turbilhão do Norte descrita em Daniel 11:40 (o Papado por meio da aliança com os Estados Unidos).

A tipologia enfatiza um juízo demorado, passo a passo, em vez de queda instantânea, assim como a vitória de Ptolemeu IV em Ráfia levou ao orgulho, à intrusão no templo, ao golpe divino e a um lento declínio; o isolamento de Uzias por lepra até a morte; as perdas graduais de Napoleão (Rússia, Leipzig, Paris, Elba, Waterloo). A linha soviética identifica o auge da força sob Stalin, o esvaziamento progressivo durante o degelo de Khrushchev que expõe as fissuras do sistema. Em seguida, a estagnação da era Brezhnev e, depois, as reformas de Gorbachev tornam-se aceleradores; a era Yeltsin completa a varredura (URSS dissolvida, cessa a forma governamental do ateísmo). O "coração exaltado" manifesta-se ao longo da linha (desafio ateísta), mas nenhum "tira o máximo proveito da vitória".

O fim dos reis do sul é progressivo; a derrocada de Satanás teve início na cruz; e, por fim, ele é enviado ao exílio por mil anos e, então, morre.

E vi descer do céu um anjo, tendo na mão a chave do abismo e uma grande corrente. E lançou mão do dragão, a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás, e o amarrou por mil anos; e o lançou no abismo, e o encerrou, e pôs sobre ele um selo, para que não mais enganasse as

nações, até que os mil anos se cumprissem; e, depois disso, importa que seja solto por um pouco de tempo.

E vi tronos, e assentaram-se sobre eles, e foi-lhes dada autoridade para julgar; e vi as almas dos que foram decapitados por causa do testemunho de Jesus e por causa da palavra de Deus, e que não tinham adorado a besta nem a sua imagem, nem tinham recebido a sua marca nas frentes ou nas mãos; e viveram e reinaram com Cristo por mil anos. Mas os demais mortos não reviveram até que se completassem os mil anos.

Esta é a primeira ressurreição. Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição: sobre tais a segunda morte não tem poder, mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele mil anos.

E, quando se completarem os mil anos, Satanás será solto de sua prisão e sairá para enganar as nações que estão nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, a fim de reuni-las para a batalha, cujo número é como a areia do mar. E subiram sobre a largura da terra e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada; e desceu fogo da parte de Deus, do céu, e os devorou. E o Diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde estão a besta e o falso profeta; e serão atormentados de dia e de noite pelos séculos dos séculos. Apocalipse 20:1-10.

Daremos continuidade às nossas considerações sobre o rei do sul em Daniel 11, versículos 11 a 15, no próximo artigo.

A revista O Tempo do Fim foi publicada em 1996 e representa a profecia do livro de Daniel que foi deslacrada em 1989. Recentemente, a revista foi lida pelo ChatGPT, que foi instado a avaliar o papel da Ucrânia na história do versículo quarenta apresentada na revista. A seguir está o detalhamento da revista, que consta dos registros públicos há trinta anos. A primeira passagem dos escritos de Ellen White na revista é Testemunhos, volume 9, 11.

Visão Geral: A Ucrânia no Quadro Profético

No esboço profético da revista acerca de Daniel 11:40–45, a Ucrânia é discutida em conexão com o colapso da União Soviética e a luta entre o Papado (rei do norte) e o comunismo ateu (rei do sul). A Ucrânia é apresentada como um campo de batalha religioso e geopolítico fundamental durante os estágios finais das guerras por procuração, particularmente em relação à Igreja Católica Ucraniana e à sua legalização após décadas de supressão sob o regime soviético.

A revista apresenta a Ucrânia como parte do cumprimento profético mais amplo de Daniel 11:40, descrevendo como o Rei do Sul é varrido por meio de uma aliança entre o Vaticano e os Estados Unidos. A Ucrânia é apresentada como evidência do enfraquecimento do ateísmo soviético e do ressurgimento da influência católica na Europa Oriental.

A Ucrânia na guerra entre o Rei do Norte e o Rei do Sul

A revista ensina que o rei do sul é o ateísmo, personificado primeiramente pela França (1798) e posteriormente pela Rússia Soviética. O rei do norte é o Papado, e Daniel 11:40 descreve uma guerra espiritual que tem início em 1798 e culmina no colapso da União Soviética em 1989. A

Ucrânia aparece nesse contexto como parte do bloco soviético que é varrido em cumprimento de Daniel 11:40. A publicação apresenta o colapso da União Soviética como o primeiro passo na cura da ferida mortal do Papado (Apocalipse 13).

Supressão da Igreja Católica Ucraniana (Fontes citadas)

A revista inclui documentação secular da perseguição à Igreja Católica sob o regime soviético.

Da revista Time, 4 de dezembro de 1989:

Após a Segunda Guerra Mundial, uma perseguição feroz, porém em geral menos sangrenta, estendeu-se à Ucrânia e ao novo bloco soviético, afetando milhões de católicos romanos e protestantes, bem como ortodoxos.

A Ucrânia é identificada como uma das principais regiões onde o catolicismo foi suprimido sob o comunismo.

Legalização da Igreja Católica Ucraniana

Um dos principais focos da discussão sobre a Ucrânia é a legalização da Igreja Católica Ucraniana, há muito tempo proscrita.

Da revista Life, dezembro de 1989:

Três novos bispos católicos foram recentemente nomeados na Tchecoslováquia. E, neste mês, Gorbachev se encontrará com o Papa João Paulo II durante uma visita à Itália, o primeiro encontro face a face entre líderes do Kremlin e do Vaticano. As reuniões podem levar à legalização da Igreja Católica Ucraniana, há muito tempo proibida, na URSS.

De U.S. News & World Report, 11 de dezembro de 1989:

Espera-se que o ressurgimento da liberdade religiosa inclua o levantamento da proibição oficial imposta à Igreja Católica Ucraniana, de cinco milhões de membros, que tem sobrevivido na clandestinidade desde 1946, quando Stalin ordenou que fosse absorvida pela Igreja Ortodoxa Russa. Obter a legalização da Igreja Católica Ucraniana tem sido um objetivo primordial do Papa.

A revista apresenta isto como prova do enfraquecimento do domínio ateu e da restauração do poder católico. Isto é identificado como resultado direto da pressão diplomática do Vaticano, e estabelece-se um marco no cumprimento de Daniel 11:40, apresentando-se a Ucrânia como exemplo visível de o Papado readquirir influência em território outrora comunista.

A Ucrânia como evidência do avanço do Papado

O colapso do comunismo é entendido não meramente como mudança política, mas como derrota espiritual do ateísmo, avanço geopolítico do Papado e início do retorno do Papado ao domínio mundial. A Ucrânia torna-se um estudo de caso do desmantelamento da repressão religiosa soviética e de uma vitória estratégica de Roma na Europa Oriental. Isto representa a mudança

visível do ateísmo imposto à autoridade católica restaurada, e a legalização da Igreja Católica Ucrâniana é tratada como confirmação profética de que o rei do norte varria o rei do sul "como um turbilhão".

A Ucrânia e a sequência profética mais abrangente

1. 1798 - O Papado recebe uma ferida mortal.
2. 1917 - O ateísmo transfere-se para a Rússia (Revolução Bolchevique).
3. 1989 - A União Soviética entra em colapso.
4. Ucrânia - Igreja Católica legalizada.
5. O Papado readquire influência geopolítica.
6. Os Estados Unidos, por fim, ficarão sob a influência papal (Daniel 11:41).
7. O mundo inteiro segue (Daniel 11:42-43).

A Ucrânia insere-se nas fases 3-4 como parte da transição entre o ateísmo soviético e a influência papal restaurada.

Fontes citadas na discussão acerca da Ucrânia

- Jeff Pippenger (arcabouço teológico principal)

Espírito de Profecia

- O Grande Conflito
- Mensagens Seleccionadas
- Testemunhos para a Igreja

Imprensa Secular

- Revista Time
- Revista Life
- Notícias dos Estados Unidos e Relatório Mundial

A Ucrânia é mencionada em conexão com:

- Perseguição aos católicos no pós-Segunda Guerra Mundial
- Sobrevivência clandestina da Igreja Católica Ucrâniana
- Diplomacia Gorbachev-Vaticano
- Restauração jurídica da hierarquia católica

Resumo do papel da Ucrânia no boletim informativo

A Ucrânia foi um bastião do catolicismo reprimido sob o ateísmo soviético. A legalização da Igreja Católica Ucrâniana assinalou o enfraquecimento do rei do sul. A influência do Vaticano na Ucrânia demonstrou o ressurgimento do Papado, e a mudança religiosa da Ucrânia serviu como evidência tangível de que Daniel 11:40 estava sendo cumprido. Os eventos em torno da Ucrânia constituíram

parte do primeiro passo na cura da ferida mortal do Papado. A Ucrânia é, portanto, apresentada não como um acontecimento político isolado, mas como um marco profético nos movimentos finais de Daniel 11.